

A REFERENCIAÇÃO ANAFÓRICO-PRONOMINAL NA ESCRITA DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ismael Ribeiro da Silva¹

Jaqueline Adriana Príncipe Pedro²

Maria Heloiza Alves Pereira Santana³

Resumo: Com base nos pressupostos teóricos de Koch (2012), fatores que auxiliam na recepção de textos, este artigo investiga a referenciação na escrita de alunos da Educação Básica. O corpus faz parte da Dissertação (Silva, 2021), uma pesquisa morfossintática. Este trabalho consiste em analisar textos de 40 alunos em uma escola pública do Paraná. Para o embasamento deste estudo, buscam-se fundamentos de Koch (1996), Cavalcante (2024), Koch e Travaglia (1996) e Marcuschi (2008). Os resultados demonstram que a alternância entre pronomes retos e oblíquos como acusativo ocorre no cotidiano, *pari passu* com a oralidade. Esse fenômeno, longe de ser um mero “desvio” em relação à norma-padrão, apenas e tão somente faz refletir a vitalidade e a dinamicidade da língua em uso, confirmando que a linguagem é permeada por práticas sociais, cognitivas e discursivas. Portanto, o estudo mostrou que a referenciação não se prende às tradições gramaticais, mas consiste em um processo discursivo na intencionalidade do falante. A pesquisa nos fez repensar o papel dos elementos anafóricos na construção textual.

Palavras-chave: Alunos. Anáfora. Educação Básica. Pronomes. Referenciação.

ANAPHORIC-PRONOMINAL REFERENCING IN THE WRITING OF BASIC EDUCATION STUDENTS

Abstract: Based on the theoretical assumptions of Koch (2012), factors that support text reception, this article investigates reference in the writing of Basic Education students. The corpus is part of a Master's Dissertation (Silva, 2021), a morphosyntactic study. This research consists of analyzing texts produced by 40 students in a public school in Paraná. To ground this study, we draw on the works of Koch (1996), Cavalcante (2024), Koch and Travaglia (1996), and Marcuschi (2008). The results show that the alternation between subject and object pronouns in the accusative case occurs in everyday language, *pari passu* with orality. This phenomenon, far from being a mere “deviation” from the standard norm, reflects the vitality and dynamism of language in use, confirming that language is permeated by social, cognitive, and discursive practices. Therefore, the study demonstrated that reference is not bound to grammatical traditions but consists of a discursive process shaped by the speaker's intentionality. The research led us to rethink the role of

1 Doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (PPGEL-UEL). E-mail: ismaelgramatica@uol.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-6157-5410>

2 Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: jakinhaprinces@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-1713-8092>

3 Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (PPGEL-UEL), E-mail: maria.h10@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-3360-8608>

anaphoric elements in textual construction.

Keywords: Students. Anaphora. Basic education. Pronouns. Referencing.

Considerações Iniciais

Na tentativa de encontrar palavras que melhor possam trazer à luz o conceito de texto, (Bentes, 2012) salienta que, se apresentasse uma definição de texto, de preferência a mais atual e/ou a mais reconhecida no campo dos estudos sobre texto no Brasil, estaria apagando o fato de que os conceitos, por mais interessantes, são resultados de um longo processo. Para a autora, não há tamanhos definidos de textos.

De acordo com Cavalcante (2020), “todo texto se dá num processo de interação; considerando isso, portanto, temos que conceber como se dá esse circuito comunicativo. E esse circuito comunicativo, hoje, nós pensamos como dividido em três partes: locutor, interlocutor e referente”.

Também, para Cavalcante (2003a apud Paludo, 2013, p. 105), “a referenciação é um processo de representação cognitiva em constante elaboração completado por pistas linguísticas e inferências várias. A construção dos referentes supõe ações mútuas entre língua e práticas sociais.” Segundo Souza e Pagani (2022, p. 28), “Chamamos de anáfora uma expressão cuja interpretação depende da interpretação de um discurso prévio, que será chamado de antecedente. A classe gramatical que mais imediatamente exemplifica a relação anafórica é a dos pronomes de terceira pessoa” (grifos dos autores). No entanto, este trabalho também contempla os pronomes de primeira pessoa.

Para Fávero e Koch (2012, p.15), a Linguística Textual constitui um novo ramo da Linguística, que começou a desenvolver-se na década de 1960, na Europa e, de modo especial, na Alemanha. Dessa forma, depreende-se que a Linguística Textual estuda as operações discursivas, cognitivas reguladoras, que controlam a produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em contextos naturais de uso.

De acordo com Fávero e Andrade (2020, p. 130):

[...] a referenciação é vista como um processo que se desenvolve dinamicamente, na interação, segundo contextos diferenciados, que as atividades de construção/constituição de sentidos atuam sobre objetos de discurso em lugar de representar objetos do mundo “real” ou “objetivos”.

Inferre-se, portanto, que, dada a dinamicidade da referenciação, não cabe ao enunciador memorizar listas de conectivos, porém empregá-los espontaneamente.

Procurando demonstrar os inúmeros tipos ou nomes para o mecanismo da anáfora, Oliveira, Oliveira e Silva (2020) asseveram que a anáfora consiste no processo referencial por excelência, considerando que existem sessenta e sete designações para o processo anafórico. As autoras também procuram legitimar a força argumentativa do procedimento da recategorização no percurso referencial.

Parafraseando Cipro Neto (2004), um anafórico nada mais é do que um elemento que se

refere a um termo antecedente. Mais importante do que o nome é o emprego. Os recursos anafóricos deixam claro quem é quem no texto. Segundo o autor, o bom uso dessas estratégias estabelece adequadamente a coesão textual.

Com base nessas considerações, busca-se a investigação do fenômeno da referenciação anafórico-pronominal na escrita de um grupo de alunos da Educação Básica (no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio), ano letivo de 2018.

De natureza sociolinguística, com foco na morfossintaxe, a Dissertação de Mestrado (SILVA, 2021) trabalhou com um grupo de 340 alunos, estudantes da Educação Básica (9º ano do Ensino Fundamental II e 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio), em uma escola pública da cidade de Ibiporã – PR. A idade dos alunos oscila entre 13 e 23 anos (9º ano do EF) e entre 14 e 44 anos (1º, 2º e 3º anos do EM). O estudo específico da Dissertação (SILVA, 2021) tinha por objetivo apresentar uma investigação sobre a realização do pronome pessoal do caso reto como acusativo (objeto direto) em duas situações: (a) no português escrito e/ou falado de alunos do Ensino Fundamental (9º ano) e do Ensino Médio (do 1º ao 3º ano), na cidade de Ibiporã – PR; (b) na fala de informantes que já haviam concluído o Ensino Médio, a maioria de Ibiporã e alguns de Jataizinho – PR

Entretanto, este artigo aborda somente uma parte do corpus referente à escrita dos alunos, não do ponto de vista sociolinguístico, mas pelo viés da Linguística Textual, com ênfase na Referenciação, estratégia anafórico-discursiva, deixando a modalidade oral para outra oportunidade. Considerando que, dos 340 alunos que contribuíram com as redações (em 2018), 129 textos não satisfizeram aos requisitos da pesquisa, a investigação foi realizada com 211 produções do gênero narrativo, sendo 16 meninos e 21 meninas do Ensino Fundamental, 92 moços e 82 moças do Ensino Médio. Todavia,

para esta análise, utilizaremos os textos de 40 alunos, de maneira intercalada, para manter, na medida do possível, a fidedignidade do trabalho anterior. Para este artigo, foi feita uma seleção de 10 meninos e 10 meninas do Ensino Fundamental, 10 moços e 10 moças do Ensino Médio.

Na sequência, serão abordados os conceitos teóricos, pautados em Koch (1996; 2009; 2015; 2018; 2022; 2023), Cavalcante et al (2022), Cavalcante (2024), Fávero e Koch (2012), Koch e Travaglia (1996; 2023) e Marcuschi (2008; 2010; 2012).

Referenciação: pressupostos teóricos

O conceito de referenciação encontra guarida na obra de Koch (2009), no sentido de que a referenciação consiste em atividade discursiva, implicando, dessa forma, uma visão não-referencial da língua e da linguagem. Ao adotar uma linha de pensamento análoga à de Blikstein, Mondada e Dubois (2022) defendem a posição de que as categorias utilizadas para descrever o mundo alteram-se tanto sincrônica quanto diacronicamente. Ao discorrer a respeito do fenômeno da referenciação, Santos (2022, p. 38) postula:

No início dos estudos da Linguística Textual, a questão da referência resumia-se, basicamente, a abordagens acerca da coesão. A intenção não era discutir, em termos semânticos ou filosóficos, a referência, mas descrever, no interior de um texto, certas estratégias de organização e encadeamento textual que ocorrem por meio de retomadas e antecipações, caracterizando, portanto, a coesão referencial.

Sobre o conceito de Linguística de Texto, Marcuschi (2012) afirma que as pronominalizações são casos de substituição mínima, ou seja, a retomada tem apenas uma relação morfossintática. Os pronomes, por formarem a classe mais genérica dos nomes, são minimamente marcados do ponto de vista semântico.

Segundo Koch (2015, p. 91), a obra

de Blikstein (1985) defende a tese de que “o que julgamos ser a realidade não passa de um produto de nossa percepção cultural”. Portanto, a interpretação de uma expressão anafórica, nominal ou pronominal, consiste não em localizar um segmento linguístico, mas estabelecer uma ligação com algum tipo de informação que se encontra na memória discursiva.

De acordo com Koch (2022), coesão referencial é aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Também, segundo a autora, os pronomes pessoais de terceira pessoa: ele, ela, eles e elas fornecem ao leitor/ouvinte instruções de conexão a respeito do elemento de referência com o qual tal conexão deve ser estabelecida. Segundo Marcuschi (2010), apesar de a escrita ter sido criada pelo engenho humano tardiamente em relação ao surgimento da oralidade, ela permeia hoje quase todas as práticas sociais dos povos em que penetrou.

Ainda, de acordo com Marcuschi (2008), é hoje um consenso tanto entre linguistas teóricos quanto aplicados que o ensino de língua ocorra por intermédio de textos. Sabidamente, essa é, também, uma prática comum na escola e orientação central dos PCNs (grifos do autor).

Citando Mondada (1994) e Mondada e Dubois (1995; 2003), Cavalcante et al (2020, p. 132), afirma que, para as autoras mencionadas, “é necessário falar em referenciação (como processo) e não em referência (como produto isolado). A negociação não necessariamente corresponde a uma construção harmoniosa sobre os mesmos referentes”.

Para Cavalcante (2024, p. 95), “a referenciação é um fenômeno textual-discursivo dos mais relevantes para a produção/compreensão de sentidos”. A autora divide a abordagem do tema em dois capítulos,

ênfatizando as definições mais importantes sobre a matéria e as características do processo de referenciação.

Beaugrande e Dressler (1981 apud Koch, 2023, p. 45) apresentam, entre outros critérios, a importância da coesão textual. Segundo os autores, “costumou-se designar por coesão a forma como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos também linguísticos, de modo a formar um ‘tecido’ (tessitura)”. A palavra texto vem do latim e significa tecido.

Para Koch (2023), um dos recursos eficientes para criar a coesão referencial (de ordem gramatical) consiste na utilização dos pronomes de terceira pessoa (retos e oblíquos) e os demais pronomes, além do artigo definido e alguns advérbios locativos.

Marcuschi (1983 apud Koch, 2018, p. 46) afirma que “os fatores de coesão são aqueles que dão conta da sequenciação superficial do texto, isto é, os mecanismos formais de uma língua que permitem estabelecer, entre os elementos linguísticos do texto, relações de sentido”.

Koch (2018, p. 46), ao apresentar breve comentário didático sobre os pronomes pessoais de terceira pessoa (retos e oblíquos) e os demais pronomes (possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos), além de outras classes morfológicas, exemplifica o fenômeno da coesão/referenciação: “A jovem acordou sobressaltada. Ela não conseguia lembrar-se do que havia acontecido e como fora parar ali”.

Mondada e Dubois (2022, p. 43), afirmam que, “no âmbito da temporalidade discursiva, as inscrições textuais podem ter igualmente um efeito estabilizador ou desestabilizador, propor e corrigir, especificar e convencionalizar os usos categoriais”.

Parafraseando Apothéloz (2022), o fenômeno da anáfora consiste no uso de elementos que se encontram em frases diferentes. Designando ou não o mesmo referente, eles não podem ser ligados por uma relação sintática. Ex.: Jean reconhece que ele está doente, ou seja, para desfazer a ambiguidade, nada melhor do que analisar o contexto. Não se sabe exatamente a quem o pronome ele se refere. Quem está doente é o próprio Jean, ou se trata de alguém implícito na frase?

Para Milner (2022, p. 99):

A anáfora é estabelecida quando não há nenhum outro princípio permitindo justificar o fato de que um segmento seja considerado como identificável: portanto, l'époux de Jeanne – o marido de Jeanne –, estando suficientemente identificado pela referência a Jeanne, não é anafórico; do mesmo modo, ton frère - teu irmão -, por assinalar a segunda pessoa, e também os nomes de referência única, tais como le soleil etc.

Segundo Cavalcante et al (2022, p. 270), “A referenciação é provavelmente o critério mais central e mais profícuo da Linguística Textual, porque se relaciona com os demais critérios analíticos do texto”. Ainda, de acordo com Cavalcante et al (2022, p. 291), “a anáfora ocorre com a função de continuar uma referência, seja de modo direto, seja de modo indireto, ao que Marcuschi (2005b) denominou respectivamente de anáfora direta e anáfora indireta”. Doravante, vamos iniciar o processo de análise.

Análise do corpus

Segundo Haag e Othéro (2003), o termo anáfora vem do grego e significa carregar para trás. Ela é um fenômeno textual de referenciação e correferenciação, de ativação e reativação de referentes ao longo do texto. Ela se define como toda retomada de um elemento anterior. Por conseguinte, ousamos afirmar que, do ponto de vista conceitual, nada mais pertinente do que

conceber a referenciação anafórica como um dos fatores-chave para a produção e a coesão da trama textual. Assim como a construção de uma casa precisa da amarração dos tijolos, o texto carece de conexão.

Texto 01: “Eu tava mergulhando quando veio uma onda forte que me jogou e quase quebrei o braço”. No texto 01, o participante utilizou o pronome pessoal do caso oblíquo com a função de objeto direto, estabelecendo, assim, o processo de referenciação, ou seja, o pronome “me” consiste em um elemento anafórico, que complementa o sentido do verbo jogar.

Texto 02: “Ela voltou quando eu tinha dez anos e me levou junto com ela”. No texto 02, o participante também realizou o pronome “me” como elemento anafórico, complementando o sentido do verbo levar.

Texto 03: “Um clube de vôlei da França convidou ela para fazer um teste para começar a jogar lá”. No texto 03, o participante da pesquisa lançou mão do pronome reto como complemento do verbo convidar, cujo processo de referenciação vai ao encontro da língua falada nos contextos semiformais ou informais.

Texto 04: “E depois ele nós levou para ver a trajetória do riacho”. Em se tratando do texto 04, o processo de referenciação ocorre por meio do pronome pessoal do caso reto, a não ser que o autor tenha colocado o acento por distração.

Texto 05: “Agora eles não deixam nós passarmos vontade de nada”. Assim como no texto 04, a referenciação se realiza de acordo com o mesmo processo.

Texto 06: “Primeiro o meu pai lavou eles [os peixes] limpou e minha mãe mergulhou eles na farinha”. No texto 06, há dois casos do pronome reto como complemento verbal no processo de referenciação.

Texto 07: “Faz um ano e um mês que

estou sem ver ele (...) mas tenho esperança de que vou encontrar ele na faculdade”. Também, no texto 07, assim como no texto 06, há dupla ocorrência do pronome reto – de terceira pessoa.

Texto 08: “Odiei ela (a minha madrasta) desde que olhei ela”. Muito presente na oralidade, o pronome reto como objeto direto aparece também na escrita, de maneira que o processo de referência do texto 08 se aproxima da língua falada.

Texto 09: “Ele quis ficar me controlando na festa”; “meu tiu (sic) ficou muito chapado nessa festa e eu tive que levar ele embora”. O texto 09 apresenta um caso *sui generis*. Na primeira pessoa do singular, o autor utiliza o pronome “me” como complemento do verbo controlar. Por outro lado, na terceira pessoa do singular, o complemento do verbo levar é um pronome reto. Dessa forma, a referência abrange dois fenômenos opostos.

Texto 10: “E a mãe xingou munto (sic) ele aí ele ficou munto (sic) triste; “e ela denunciou ele”. No texto 10, o participante, talvez influenciado pela oralidade, empregou o pronome do caso reto (de terceira pessoa) para dois verbos diferentes.

Texto 11: “Então quando minha mãe me viu, ela veio falar comigo”; “e eles acabaram casando e tiveram eu”; “onde eu estiver nunca vou os esquecer”; “amo tanto eles”... O texto 11, de forma alternada, apresenta dois pronomes retos e dois oblíquos no processo de referência.

Texto 12: “Eu fiquei muito triste quando eu o vi eles (sic) separados”. No texto 12, o participante empregou um pronome reto e um oblíquo (ambos de terceira pessoa) para se referir ao mesmo verbo.

Texto 13: “Mas eu sempre amarei ele (...) eu às vezes vou lá onde ele mora somente para ver ele”. Assim como em todos os textos

desta análise, o processo de referência, por meio dos elementos anafórico-pronominais, o texto 13 também apresenta realizações que se aproximam da modalidade oral da Língua Portuguesa, isto é, “amarei ele” e “ver ele”.

Texto 14: “Ele estava trabalhando porque ele desejava vê eu fora daquele hospital”. Em se tratando do texto 14, aparece um caso de pronome reto de primeira pessoa do singular como complemento do verbo ver. Para Cipro Neto (2024), pode ser que os falantes dão preferência ao pronome reto por causa da debilidade do oblíquo, que, por ser átono, não tem a mesma “robustez fonética” do pronome reto.

Texto 15: “Minha mãe o interrompeu com sangue nos olhos”. De carga semântica metafórica, o texto 15, ao complementar o sentido do verbo transitivo direto interromper, utiliza o pronome oblíquo (na terceira pessoa do singular).

Texto 16: “Com um casaco que deixava ela super grande”. No texto 16, a participante usou o pronome reto de 3ª pessoa para complementar o sentido do verbo deixar (transitivo direto). Nesse caso, o processo de referência anafórico-pronominal se realizou por intermédio do fenômeno que se aproxima da oralidade.

Texto 17: “As pessoas tenta nós convencer que a vida é um mar de rosas”; “agente (sic) sempre via ele de vez emquando (sic)”. Assim como no texto 04, o texto 17 se utiliza do pronome reto (primeira pessoa do plural) como complemento do verbo convencer, de forma que a referência se aproxima da língua falada.

Texto 18: “Ele assumiu ela, porém o pai dela não queria mexer no bolso para comprar fraldas”. No que se refere ao texto 18, o pronome reto de terceira pessoa, complementando o sentido do verbo assumir, também corrobora a

oralidade.

Texto 19: “Meu pai não queria perder a varinha de pescar, deu muito trabalho para fazer ela, então meu pai (...) conseguiu pegar ela”. Ao observar e descrever a significativa incidência do pronome reto (sobretudo na terceira pessoa do singular) na função de objeto direto, refletimos a respeito da possível “oficialização” desse mecanismo de referenciação nos estudos da Linguística Textual e da Morfossintaxe.

Texto 20: “Meu irmão e eu fomos visitar ele; “minha vó levou um susto quando viu ele dentro do carro”; “minha mãe ia levar ele de volta ao hospital, mas ele não deixou ela levar de volta”. Assim como na maioria dos casos deste trabalho, o texto 20 também apresenta quatro ocorrências do pronome reto de terceira pessoa como complemento dos verbos visitar, ver, levar e deixar.

Texto 21: “No outro dia ele me chamo di (sic) novo e de novo e ai nos (sic) começamos a conversar todos os dias”; ai dia vai dia vem chegou o de ver ele; “quando eu abacei (sic) ele que ele falou no meu ouvido que ele me amava”. O texto 21 também oscila entre a utilização do pronome reto e do oblíquo, corroborando, mais uma vez, a alternância do registro formal versus informal.

Texto 22: “Mas no final daquela festa ele chamou ela para conversar longe de todos que estavam ali”; “ela não conseguiu encontrar ele novamente”. Por sua vez, o texto 22 apresenta somente o registro do pronome reto como complemento dos verbos chamar e encontrar. Vale ressaltar, contudo, que o processo de referenciação anafórico-pronominal não sofre nenhum prejuízo semântico pela ausência do pronome oblíquo, principalmente quando se trata da 3ª pessoa verbal.

Texto 23: “Agora que eu estou com quatorze anos ele voltou para me ver!”; “Pois

agora ele tem outro filho pois ele me esqueceu faz quatro meses que não vejo ele e ele não me procura (...) ele me levou para chupar sorvete”; “[Minha mãe] nunca proibiu eu de ver ele (...) então depois a mãe processou ele para que ele pagasse a pensão; mas não amo ele”. Analisando o texto 23, constata-se que os pronomes retos e oblíquos, na função de complemento verbal, caminham de mãos dadas, todos cumprindo o seu papel comunicativo. Para Koch (2009, p. 61), “a referenciação constitui uma atividade discursiva”, não se restringindo, portanto, apenas a questões gramaticais.

Texto 24: “Minha mãe me ajudava a encontrar ele”; “já tava na hora de assumir ele”; e meu pai deixou eu namorar com ele”. O texto 24 também atende aos princípios da referenciação anafórico-pronominal, alternando a incidência dos pronomes retos e oblíquos na função de complemento verbal (objeto direto).

Texto 25: “Quando minha mãe me teve, ela não me queria porque meu pai tinha abandonado ela”; “ela iria me deixar “orfan” sorte que meu pai apareceu e me assumiu aí minha mãe denunciou ele”; “mas ela nem me queria”; “meu pai me registrar no cartório”. Em se tratando dos efeitos de sentido preconizados pela Linguística Textual, a alternância dos pronomes retos e oblíquos no texto 25 não prejudica a funcionalidade da referenciação anafórico-pronominal.

Texto 26: “Minha mãe levava eu e meus irmãos ao parquinho”; “minha mãe sempre deixou eu brincar pela rua com meus amiguinhos”; “meu pai só fui conhecer ele quando tinha seis anos de idade; “aí foi passando uns tempos fui conhecendo ele”. No texto 26, existe a ocorrência dos pronomes pessoais do caso reto (primeira e terceira pessoa) na função de complemento verbal.

Texto 27: “Percebi que um rapaz estava me cantando com um olhar”; “e um belo dia ele

me pediu em namoro!”. O texto 27, por sua vez, registra o pronome oblíquo em relação ao verbo cantar e ao verbo pedir, ambos na linguagem formal.

Texto 28: “Meu pai desapareceu (...) e fui visitar ele”; “quando acontecia algo comigo ele me ajudava”; “quando eu ficava doente ele ia me ver”; “amo muitos eles (sic); e sei que um dia vou ver ele”. A respeito do texto 28, pode-se constatar que existe alternância de registro dos pronomes retos e oblíquos na função de objeto direto, sem prejuízo para a compreensão dos efeitos de sentido.

Texto 29: “Mais um dia antes ele [meu pai] presentiu ela [minha mãe] com um vestido vermelho”. O texto 29 registra apenas um pronome (reto de terceira pessoa), extremamente comum na oralidade.

Texto 30: “Tenho ele [o colar] até o dia de hoje, não o tiro por nada pois gostei muito”; eu agradeço a Deus por ter colocado todos eles [família e amigos] na minha vida”. Em se tratando do texto 30, aparece um fato “insólito”: a presença do pronome pessoal do caso oblíquo na terceira pessoa do singular como complemento do verbo tirar. Os demais verbos mantêm o que é habitual, ou seja, tenho ele, colocado todos eles.

Texto 31: “Aí meu amigo paro a moto dele me ajudo ve se eu tava bem (...) e chamo minha tia pra me levar pro UPA (...) e minha coroa me levo embora”. No texto 31, os elementos anafóricos são representados por três pronomes oblíquos da terceira pessoa do singular.

Texto 32: “Até andamos um pouco mais pela estrada e vimos eles parados em outro posto”. O texto 32, por sua vez, de forma diferente do texto anterior, realiza o pronome reto de terceira pessoa como complemento verbal. Retos ou oblíquos, o importante são os efeitos de sentido, advindos do processo de referenciação.

Texto 33: “Em seguida minha mãe levantou e tentou ajuda-lo (...) de algum jeito (sic) eu percebi que não o veria mais”; “eu nunca tinha visto ela daquele jeito (sic) então obedeci, contra minha vontade, mas me ajudou a me entreter”. Assim como em outros textos desta análise, o texto 33 oscila entre a realização dos pronomes retos e oblíquos como elementos articuladores da construção textual.

Texto 34: “Minha mãe encontrou um cachorro e o achou muito bonito (...) então resolveu o levalo para nosso lar”; “foi incrível ve-lo balançando seu rabinho, querendo brincar com meu pai”; “Atravessou a rua no momento em que havia vindo um carro em alta velocidade e o atropelou”; “sentimos o vazio pela casa, sem telo ali para bagunçar a casa toda”. O texto 34, de forma surpreendente, apresenta um fato inusitado: cinco ocorrências do pronome oblíquo como complemento verbal.

Texto 35: “Meu pai sempre me levava”; “mas nós conseguimos comprá-lo”; “meu pai sempre tentava me ensinar me levando em praças e lugares mais abertos”; “certo dia meu pai me levou em uma descida para aprender”. No que se refere ao texto 35, pode-se afirmar que, tanto na primeira quanto na terceira pessoa do singular, os elementos anafóricos – articuladores de referenciação – são representados por pronomes oblíquos.

Texto 36: “Daí quando eu comecei a procurar eles”. O texto 36 tem somente uma locução verbal, cujo complemento é o pronome reto “eles”.

Texto 37: “Meus pais me chamaram para procurar o cachorro”; “minha mãe foi procura-lo no bairro de baixo, (...) não conseguiu pegalo”; “o meu pai foi procura-lo nos arredores da delegacia”. No texto 37, observamos a ocorrência de um pronome oblíquo de primeira pessoa e três pronomes oblíquos de terceira pessoa, todos cumprindo seu papel comunicativo no processo

de referenciação.

Texto 38: “Com pessoas que poderiam nos julgar (...) e odiar-nos (...) e nos abrasão (...) nos ajudam (...) nos fazem encher (sic) o verdadeiro motivo e nos apoiam”. O texto 38, do ponto de vista morfosintático e semântico, contempla satisfatoriamente a atividade comunicativa.

Texto 39: “Daí os molekes desafiou eu a tacar uma pedra na escola”; “dai ele começou ameaçar nois”; “dai nós ficou esperando ele ir pegar o papel”; “ele parou de seguir nos”; “minha mãe estava esperando eu com o chinelo na mão”. O texto 39 apresenta uma alternância em relação ao uso dos pronomes retos e oblíquos, sem comprometer a interação entre o enunciador e o co-enunciador.

Texto 40: “Saiu correndo me levar ao médico”; “mandou a minha tia me levar”. O texto 40 apresenta, por duas vezes, o pronome oblíquo de primeira pessoa na função de complemento verbal, elementos anafóricos que corroboram o processo de referenciação.

Considerações finais

Este artigo apresentou um estudo pautado nos princípios da Linguística Textual, com foco no processo da Referenciação. Os integrantes do corpus de pesquisa constituem um grupo de 40 alunos da Educação Básica, subdivididos em masculinos e femininos, alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. Acreditamos que, por intermédio da realização deste trabalho sobre o fenômeno da referenciação (especificamente entre jovens estudantes), ampliamos nosso conhecimento e galgamos considerável crescimento linguístico, no sentido de refletir com maturidade acerca dos fenômenos morfosintático-anafórico-pronominais.

O cabedal teórico do qual nos utilizamos para a construção deste texto muito contribuiu

para a reflexão sobre os conceitos arraigados de que os estudos da linguagem se resumem a um processo mecanicista, reduzido à memorização e identificação de sintagmas nominais e verbais. Temos ciência de que o estudo, a apreciação e a degustação da linguagem vão muito além do que possamos imaginar. Podemos afirmar que a probabilidade de incidências de elementos anafóricos em um idioma tão rico como a Língua Portuguesa é infinitamente incomensurável. Como metaforiza Bagno (1999, p. 10), “a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso e, por estar em movimento, se renova incessantemente”. Diante disso, urge nos desvencilharmos das amarras das tradições.

Essa renovação, acreditamos, estará sempre à disposição dos falantes para servi-los em seus contextos sociocomunicativos, cognitivos e culturais. Portanto, ao refletirmos sobre os resultados deste trabalho, chegamos ao ponto focal: ainda há muito que aprender. Considerando o percurso desenvolvido neste trabalho, constata-se a relevância dos estudos da referenciação anafórico-pronominal na escrita de alunos da Educação Básica, especialmente no gênero narrativo. Deu-se preferência a esse gênero por acreditar-se adequado ao contexto.

A análise do corpus mostrou que a alternância entre pronomes retos e oblíquos na função de objeto direto na sentença tem ocorrido com frequência, aproximando-se, em muitos casos, da oralidade. Esse fenômeno, longe de se configurar como mero “desvio” em relação à norma-padrão, apenas e tão somente faz refletir a vitalidade e a dinamicidade da língua em uso, confirmando que a linguagem é permeada por práticas sociais, cognitivas e discursivas.

O embasamento teórico, fundamentado em autores da Linguística Textual e da Sociolinguística, permitiu compreender a referenciação não apenas como um recurso gramatical, mas como um processo discursivo de construção de sentidos. Assim, a investigação

corroborou a ideia de que os pronomes, em sua função anafórica, exercem papel fundamental na tessitura textual, garantindo coesão e continuidade referencial.

O estudo evidenciou, destarte, que o fenômeno da referenciação deve ser considerado não apenas como recurso gramatical, mas como processo discursivo na construção dos sentidos. A pesquisa também corroborou o papel essencial dos pronomes anafóricos na coesão e continuidade textual. Do ponto de vista pedagógico, ressaltou-se a importância de um ensino de Língua Portuguesa que vá além da memorização de regras, desprendendo-se da “rigidez” de algumas normas tradicionais. Acredita-se que a referenciação anafórico-pronominal consiste em um campo fértil de pesquisa, abrindo possibilidades para novas investigações em diferentes gêneros e contextos acadêmico-discursivos.

REFERÊNCIAS

- APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena (orgs.). Referenciação. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2022. p. 53-84.
- BAGNO, Marcos. Preconceito lingüístico. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BENTES, Anna Christina. Linguística Textual. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 261-303.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. Linguística Textual e Argumentação. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. Linguística Textual: conceitos e aplicações. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Os sentidos do texto. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2024.
- CIPRO NETO, Pasquale. Anafóricos e catafóricos. Folha de São Paulo, São Paulo, 22 jul. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2207200406.htm>. Acesso em: 28 jul.2024.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. Artigo de opinião e argumentação: estudo sobre referenciação e objetos de discurso. In: OLIVEIRA, Esther Gomes de (org.) et al. Discurso e Argumentação: tecendo os efeitos de sentido. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 125-137.
- HAAG, Cassiano Ricardo; OTHERO, Gabriel de Ávilla. O processamento anafórico: um experimento sobre a resolução de ambigüidades em anáforas pronominais. In: Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 65-80, jul./dez. 2003.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; FÁVERO, Leonor Lopes. Linguística Textual: introdução. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A coerência textual. 7 ed. São Paulo: Contexto, 1996.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A coerência textual. 18 ed. São Paulo: Contexto, 2023.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Desvendando os segredos do texto. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. O texto e a construção dos sentidos. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A coesão textual. 22. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A interação pela linguagem. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Linguística de texto: o que é e como se faz? 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MILNER, Jean-Claude. Reflexões sobre a referência e a correferência. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena (orgs.). Referenciação. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2022. p. 85-130.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena (orgs.). Referenciação. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2022. p. 17-52.

OLIVEIRA, Esther Gomes de; OLIVEIRA, Lolyane Cristina Guerreiro de; SILVA, Suzete. Referenciação anafórica e recategorização argumentativa. In: OLIVEIRA, Esther Gomes de (org.) et al. Discurso e Argumentação: tecendo os efeitos de sentido. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 183-202.

PALUDO, Elizete Inês. Referenciação anafórica: um princípio de interpretabilidade em artigos científicos. Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro,

v. 17, n. 01, p. 284-300, 2013.

PODCAST Pasquale Cipro Neto – A Nossa Língua de Todo Dia. [Locução de]: Pasquale Cipro Neto. [S. l.]: Rádio CBN de São Paulo, 09 jul. 2024. Podcast. Disponível em: <https://www.podbean.com/podcast-detail/inugw-567c5/Pasquale-Cipro-Neto---A-Nossa-L%C3%ADngua-de-Todo-Dia-Podcast>. Acesso em: 11 jul. 2024.

REFERENCIAÇÃO: em síntese. [S. l.: n., 2020]. 1 vídeo (107 min). Publicado pelo canal Jacqueline Vignoli. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=COHrMm8oY20&t=546s>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SANTOS, Janderson Martins dos. Descrições nominais anafóricas em narrativas orais: tecendo histórias, construindo sentidos. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022.

SILVA, Ismael Ribeiro da. O pronome reto como acusativo na escrita e na fala: um estudo sociolinguístico, 2021. 780 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

SOUZA, Luisandro Mendes de; PAGANI, Luiz Arthur. Referência. In: SOUZA, Luisandro Mendes de; PAGANI, Luiz Arthur. Para conhecer Pragmática. São Paulo: Contexto, 2022. p. 13-37.

Submissão: agosto de 2025

Aceite: setembro de 2025.